



20 Anos a contribuir para
a formação de quadros de qualidade

REPORTAGEM

Universidade Jean Piaget

Há 20 anos a formar quadros de qualidade em Cabo Verde



Włodzimierz Szymaniak, Reitor da Universidade Jean Piaget

A Universidade Jean Piaget de Cabo Verde está a celebrar 20 anos da sua fundação. Duas décadas marcadas por muitos desafios, como explica o reitor, Włodzimierz Szymaniak, mas também por muitos marcos importantes que atestam a maturidade científica e institucional desta universidade. Aquela que foi a primeira instituição de ensino superior em Cabo Verde, tem contribuído, desde o primeiro ano, para a formação de quadros de qualidade que agora integram a sociedade cabo-verdiana, e dão o seu contributo ao desenvolvimento do país. O futuro passa por conjugar a investigação aplicada com o ensino inovador e criativo, e alcançar a “verdadeira” internacionalização no contexto da África Ocidental e da Macaronésia.

A redacção

Włodzimierz Szymaniak, actual reitor da Universidade Jean Piaget de Cabo Verde, faz um balanço positivo deste percurso de 20 anos e garante que, além de todo o simbolismo inerente, estas duas décadas simbolizam “a maturidade científica e institucional” desta universidade que integra a família do Instituto Piaget, presente no panorama do ensino superior em Portugal (desde 1979), Angola, Moçambique, Brasil e Guiné-Bissau.

“Em 20 anos aconteceu muito. Penso no crescimento ins-

titucional, a abertura do polo do Mindelo, dezenas de protocolos de cooperação com instituições, ONG’s e empresas cabo-verdianas. Muitas pessoas formadas com sucesso profissional dentro e fora do país. Centenas de estudos científicos realizados”, enumera Szymaniak.

O maior desafio ao longo dos anos tem sido “atingir e manter” os “altos patamares” de qualidade no ensino, na gestão institucional, na investigação e na extensão universitária.

O reitor da instituição não tem

dúvidas do contributo incomensurável desta universidade para o ensino superior em Cabo Verde.

Primeira universidade do país

“A UniPiaget, sendo a 1ª universidade do país, de alguma maneira, traçou o caminho para outros. No momento de abertura, alguns criticavam-nos pela ousadia de abertura da universidade num país sem tradição universitária. Agora já ninguém faz este tipo de críticas, porque a opinião pública reconhece o papel social das uni-

versidades”.

O contexto social e económico de Cabo Verde alterou-se, naturalmente, ao longo dos anos, e, com isso, também a instituição foi-se adaptando às novas realidades do país, em termos de cursos e de recursos humanos.

“Em 2002, com raras excepções, quase não havia pessoas doutoradas em Cabo Verde. Agora são centenas. Em termos de recursos humanos hoje dependemos muito pouco de docentes de fora, mas isso não significa que se possa desistir das parcerias internacionais”, recorda.

Aposta na qualidade

A aposta na qualidade continua a ser a palavra de ordem para o sucesso da instituição.

“A universidade tem de evoluir com a sociedade, ou melhor dito, contribuir para a evolução da sociedade. Geralmente, os países desenvolvidos têm uma alta percentagem de pessoas altamente formadas. Obviamente, não pretendo dizer que basta formar as pessoas para atingir a prosperidade económica. A formação, e a qualidade dela, são pilares principais, mas não únicos, na arquitetura económica”, defende.

Programa Volta pa kasa

Uma das principais dificuldades das universidades é a questão do cumprimento do pagamento de propinas por parte dos alunos.

Uma realidade que o reitor, Włodzimierz Szymaniak, reconhece também na Uni-Piaget, admitindo que “sem dúvida é um problema sério”. Contudo, avança que se um estudante tem dificuldades económicas, “a universidade normalmente aceita planos de pagamento”.

Outra das questões é o facto de muitos alunos não concluírem logo o curso, deixando a apresentação da monografia “pendurada”.

“Na realidade de Cabo Verde muitos estudantes podem encontrar o primeiro emprego ainda antes de concluir o curso. Depois nem sempre conseguem conciliar

o trabalho com os estudos. A memória de licenciatura ou projeto final, exigem trabalho sistemático e dedicação. Nem todos sabem estipular as prioridades”, justifica.

Para driblar a situação, a universidade tem o programa “Volta pa kasa” que se destina às pessoas que abandonaram a universidade sem grau académico.

O programa consiste na possibilidade da creditação de competências adquiridas no mercado laboral, a orientação on-line, seminários de reforço metodológico, entre outros.

Ao longo destes 20 anos já passaram mais de 10 mil alunos pela instituição, estando actualmente inscritos 2 mil, mas a taxa de alunos com curso concluído está abaixo dos 40%.

O departamento de Investigação é motivo de orgulho na universidade, existindo, actualmente, o Centro de Investigação, Relações Institucionais e Formação Avançada.

Projectos

O projeto “Spiá nos Terra, Vigilância de Arbovirose em Cabo Verde” recentemente selecionado no concurso do Gabinete de Ciência e Tecnologia; O projeto Pérola Atlântica, selecionado na edição anterior do mesmo concurso e que se materializou na criação do Parque Natural de Baía do Inferno e Monte Angra; o Projeto Welcome 2 (Interreg MAC) que relaciona o turismo e as TIC e o Projeto “Eficiência energética dos edifícios”, através do consumo da energia elétrica, de água, e a poluição sonora, são alguns dos exemplos do trabalho desenvolvido.

“Todos os projetos são realizados dentro de consórcios com os nossos parceiros nacionais e estrangeiros, em que os estudantes formam parte das equipas de investigação”, explica Szymaniak.

Impactos da pandemia

Naturalmente, a pandemia da covid-19 tem tido fortes impactos no sector da educação em Cabo Verde e a Uni-Piaget não é excepção.

“A pandemia obrigou-nos a aproveitar melhor os recursos do ensino digital e a disponibilizar mais recursos didáticos nas plataformas eletrónicas. Não foi fácil, mas, no ano passado, conseguimos realizar a maioria das unidades curriculares e as respetivas avaliações.

Este ano tivemos a obrigação de redefinir as turmas e a ocupação das salas para cumprir as regras sanitárias. Estamos cientes de que, em alguns casos, as dificuldades provocam desmotivação, mas nunca abandonamos os nossos objetivos. Neste momento, a universidade pode estar com instalações encerradas para o público, mas continua a trabalhar como invisible college”.

No futuro, além de continuar a enfrentar e debelar os desafios provocados pela pandemia, a universidade quer conjugar a investigação aplicada com o ensino inovador e criativo e conseguir aquilo que Szymaniak chama de “uma verdadeira internacionalização” da universidade no contexto da África Ocidental e Macaronésia.

Com cerca de 200 docentes, com diversos tipos de contratos, e 20 cursos (Graduação e Pós-graduação), os cursos mais procurados na Uni-Piaget são Arquitectura, Enfermagem e Engenharia de Sistemas, enquanto que Sociologia e Serviço Social estão em queda.

AEU-JP

Uma associação que quer dar voz aos estudantes



A Associação de Estudantes Universitários de Jean Piaget (AEU-JP) é uma estrutura representativa que dá vez e voz aos estudantes daquela universidade. Distinguida pela sua dinâmica, o atual presidente da associação, Rivan Dias, realça que a prioridade tem sido apoiar e defender os direitos dos alunos, inclusive, agora, no contexto de pandemia.

Míriam Pires

Criada desde o início da fundação da Uni-Piaget em Cabo Verde, em 2001, a Associação de Estudantes Universitários de Jean Piaget (AEU-JP) sempre trabalhou em prol dos interesses dos estudantes. Durante esses 20 anos, a associação foi liderada por seis presidentes, sendo Rivan Dias o actual responsável pela associação.

A associação é constituída, neste momento, por 22 membros oficiais, porém, como explica Rivan, há estudantes da universidade que também estão dispostos a ajudar a associação, a trabalhar em conjunto, principalmente neste contexto de pandemia.

“Com esta pandemia, a associação ficou muito limitada relativamente à realização de eventos, mas estamos a fazer o possível para cumprir com os nossos objetivos, como ajudar a universidade nesse combate e apoiar os estudantes”, garante.

Desafios e ganhos

O presidente da associação de estudantes aponta a falta de informação como um dos principais desafios enfrentados pelos alunos da Uni-Piaget e, nesse sentido, pretende promover reuniões com os membros directivos para driblar a situação e fazer chegar as informações de forma mais eficiente aos alunos.

“Um dos problemas que temos constatado na nossa universidade é que os alunos, muitas vezes, não têm acesso às informações académicas. Às vezes, não passam bem as informações ou as mesmas demoram a ser transmitidas”, explica.

Rivan realça que é de extrema importância que os alunos se sintam à vontade para expressarem os seus problemas, por isso sublinha a importância de confiarem na associação que é

a voz de todos, perante a universidade.

“Para que a universidade funcione tem que ter estudantes, e esses mesmos estudantes devem ser bem representados, para quando cumprirem com os seus deveres, terem uma associação em que confiem, para ajudá-los a obter os seus direitos”.

Sendo assim, o presidente alega que um dos grandes ganhos da associação foi conseguir a confiança dos estudantes.

Continuar a apoiar os estudantes, e ajudá-los a adquirir cada vez mais experiência e conhecimento são os projectos futuros da associação.

“Vamos fazer de tudo para o bem dos alunos e o melhor para a Uni-Piaget”, refere.

Nova largada

Aos 21 anos, Rivan Dias cursa o 3º ano de Engenharia Eletrotécnica e Manutenção Industrial. Além dos estudos e das aulas, Rivan divide a sua rotina com a responsabilidade de gerir a associação de estudantes desde Março deste ano, altura em que tomou posse da AEU-JP.

“Eu sempre dei o meu contributo para a associação, desde que entrei para a universidade. Eu não fazia parte dos membros da associação, mas sempre estava presente para dar o meu apoio nas actividades”, recorda.

Conforme conta Rivan, depois de algumas complicações com os antigos membros, a associação encontrava-se em risco, e, por esse motivo, alguns alunos, com a Provedora dos Estudantes, decidiram levantar a associação e, reconhecendo o seu trabalho para com a associação, foi convidado a tomar posse. Agora, promete continuar a dar voz aos estudantes da Uni-Piaget.

REPORTAGEM

Docentes enaltecem qualidade de ensino e aposta na investigação

Os docentes da Uni-Piaget realçam que a instituição tem dado um contributo “importante” para o desenvolvimento do ensino superior em Cabo Verde. A formação de quadros de referência nacional, em diversas áreas, assim como a realização de pesquisas e publicações de estudos científicos importantes para a população, são vistos como alguns dos grandes ganhos alcançados ao longo dos 20 anos de existência desta instituição.

Silvino Monteiro



João Pedro Martins



Joanita Ramos

Arquiteto João Pedro Martins, docente na Universidade Jean Piaget de Cabo Verde, há quase 10 anos, realça que a instituição tem contribuído muito para o desenvolvimento do ensino superior em Cabo Verde, com foco na formação de quadros e investigações científicas.

“Ao longo destes 20 anos, a Uni-Piaget já formou muitos profissionais em diversas áreas e que são referência no mercado nacional, e não só”.

O docente aponta que foram produzidas diversas pesquisas de extrema importância para a população, acrescentando que os diversos projectos e trabalhos realizados pelos estudantes, e docentes, foram oferecidos ao Governo, às Câmaras Municipais e empresas, no sentido de prestar um serviço de qualidade às co-

munidades. Por esses e outros motivos, Martins confessa que tem sido muito gratificante lecionar na Uni-Piaget.

Desafios

No que tange aos desafios para o sector, Martins considera que o ensino superior no país passa por um momento singular e delicado.

“Por um lado, as universidades privadas encontram-se em crise financeira, por outro lado, a universidade pública vai abrir em Outubro deste ano o maior campus do país com muito maior capacidade de oferta”.

Diante disso, o docente alerta que existem dois cenários possíveis.

“Ou a universidade pública acaba por ‘engolir’ todas as privadas ou teremos de ter maior

sensibilidade e apoio do Governo para que as outras universidades possam sobreviver. O maior desafio reside nesta parceria público-privada, numa sinergia entre instituições nacionais e estrangeiras, promovendo a internacionalização destas”, sublinha.

Para melhorar a qualidade da oferta e o ensino em Cabo Verde, Martins defende que é preciso adequar o ensino superior ao mercado nacional e internacional, oferecendo cursos que garantam aos recém-formados capacidade de empregabilidade.

A contratação de docentes experientes, capacitação dos quadros, aumento das publicações científicas, e o apetrechamento das bibliotecas com mais referências bibliográficas essenciais para cada curso são

outras das recomendações deixadas pelo docente.

Sustentabilidade

Por seu turno, também a docente Joanita Rodrigues afirma que a instituição tem dado um contributo incomensurável na construção e consolidação do ensino superior em Cabo Verde, através da formação de quadros “altamente qualificados” que actuam nas diversas esferas da sociedade.

Joanita Rodrigues considera que o ensino superior em Cabo Verde está num bom patamar de desenvolvimento. Porém, sublinha que a promoção da qualidade e a sustentabilidade continua a ser o grande desafio.

“O ensino superior não se assenta apenas no pilar ensino, mas fundamenta-se também nos pila-

res extensão, investigação e internacionalização que exigem das instituições uma grande engenharia financeira e a requisição de recursos humanos altamente qualificados”, aponta.

A docente defende que, para melhorar a qualidade do ensino no país, é preciso que todos se engajem na criação dessa cultura universitária.

Também defende que necessário desenvolver uma pedagogia de serviço, onde o conhecimento gera competências para apoiar na busca de soluções úteis para o desenvolvimento actual e futuro.

Joanita Rodrigues defende igualmente uma maior intercomunicabilidade entre as instituições e uma regulação mais actuante de modo a precaver situações de “fraca qualidade” de um ensino que se quer de nível superior.

Jorge Brito, reitor honorário

“Somos a melhor opção”

Jorge Brito, reitor honorário da Uni-Piaget, recorda que os primeiros 5 anos da universidade foram a etapa que traduziu a criação dos alicerces “sólidos” da instituição. No cômputo geral, Brito faz um balanço positivo desses 20 anos, admite “altos e baixos”, mas destaca que a instituição tem vindo sempre a “melhorar”.

Brito recorda que, com a saída dos primeiros alunos para o mercado de trabalho, a universidade começou a ganhar “prestígio e status” devido à qualidade dos formandos.

“Agora, passados 20 anos, o progresso é cla-

ramente visível, a nível dos equipamentos, laboratórios. E com a covid-19 houve a necessidade de nos adaptarmos para a educação à distância”.

Esse reitor honorário, não tem dúvidas de que a Uni-Piaget é hoje uma instituição de referência.

“Uma maneira de medir isso é ver que os nossos formandos não têm dificuldades em ingressar no mercado ou em continuar os seus estudos. Os nossos formandos estão em todas as áreas do sistema social, o que nos dá valor e

a credibilidade para dizer que, de facto, somos a melhor opção”.

Brito recorda que há cerca de sete anos para cá, a Uni-Piaget tem apostado no reforço das pós-graduações e nos mestrados, mas, agora, a aposta é nos doutorados.

“O processo já se encontra no Ministério da Educação para aprovação. É claro que um doutoramento pressupõe uma investigação mais forte, e esta questão vai ser reforçada”, conclui.

AN



Como está a ser a tua experiência como universitário no Piaget?



Éder Soares – Fisioterapia – 1º ano

A minha história nesta universidade é quase uma coincidência. Entrei aqui pela primeira vez como paciente, quando me machuquei ao cair do skate. Tinha uma amiga que já fazia o curso, gostei da área e acabei por me matricular.

Por outro lado, sempre gostei da área de treinos e quis entrar nesta indústria. Acabei por perceber que a fisioterapia é uma área bastante vasta, que não só me dá a possibilidade de trabalhar na área que gosto, como em muitas outras. Foi uma porta de entrada para seguir a minha carreira profissional.

Admiro muito os meus professores com os quais tenho uma boa relação. Estou empenhado em estudar a fundo os conteúdos lecionados, porque estou, finalmente, a fazer uma conexão entre as matérias e a prática da actividade física.

Estou a gostar muito e recomendo a universidade a outros alunos, desde que saibam, de facto, aquilo que querem.



Katheline Montrond – Informática de Gestão – 2º ano

Queria estudar no estrangeiro, mas não foi possível. Ao analisar o que as universidades de Cabo Verde tinham a oferecer, foi no Piaget que encontrei o curso que queria. A isto também veio a juntar-se outras referências que já

tinha da universidade através de amigos e conhecidos.

No primeiro ano foi aquele choque e adaptação já que estava saindo de uma realidade diferente, ou seja, de uma forma de ensino e aprendizagem dos liceus para uma nova realidade que exigia mais de mim.

Volvidos quase dois anos, posso dizer que estou satisfeita, pois tenho a oportunidade de aprender com bons profissionais e a própria universidade ensina-me que devo correr atrás e não esperar tudo dos docentes.

Sem dúvida que recomendaria a universidade a outros alunos.



Dineida Tavares – Ciências da Comunicação – 3º ano

Estudar comunicação na Universidade Jean Piaget me permite-me sair com uma profissional completa. Temos à nossa disposição estúdios de rádio, televisão e imprensa, o que nos dá a bagagem necessária para enfrentar o mercado de trabalho.

Está a ser uma experiência fantástica. Hoje eu sei que não faria uma escolha diferente. Aqui, recebemos a parte teórica e, ao mesmo tempo, temos a oportunidade de aplicar os conhecimentos na prática. De forma geral, todos os cursos estão bem organizados no sentido de formar profissionais competentes.



Tiana Silva – Ciências da Comunicação – 4º ano

Após terminar o 12º ano, a ideia era estudar fora de Cabo Verde, mais precisamente na China. Entretanto, ao aproximar a época de inscrições, um amigo dos meus pais incentivou-me a vir conhecer a oferta formativa da Uni-Piaget.

Quando vi o curso de Ciências da Comunicação e os seus módulos, decidi fazer o curso aqui. Foi uma decisão tomada por influência, mas que acabou por ser, de facto, a melhor opção. Não me arrependo.

Hoje sinto-me totalmente preparada para o mercado de trabalho. Desde o primeiro ano, faço estágio no gabinete de comunicação da universidade e também nos laboratórios de rádio e de televisão. Sinto-me preparada para novos desafios fora do ambiente académico.



Vivian Mendes – Ciências da Comunicação - finalista 2020

Escolhi a Universidade Jean Piaget porque ela é, realmente, a melhor opção. Constatei isso logo no momento em que comecei a estudar na instituição e, no decorrer do meu curso, percebi que não podia ter feito escolha melhor.

É uma universidade de referência na área de Ciências da Comunicação e uma instituição que realmente prepara os alunos para o mercado de trabalho e para a vida. Prova disso é que, durante o curso eu tive a oportunidade de ter o meu próprio programa, pois a universidade está equipada com laboratórios e estúdios e oferece todas as condições para aplicarmos na prática aquilo que aprendemos.

Foi um lugar onde vivi a melhor experiência da minha vida e onde encontrei o meu eixo. Sem dúvida que valeu a pena. Se pudesse reviver tudo de novo não pensaria duas vezes.

Recomendo a instituição a outros estudantes porque acredito que não há um preço quando se trata de investir no futuro e na educação.

REPORTAGEM

Qual é o contributo da Uni-Piaget na formação do profissional que se tornou hoje?



Isaiás Varela – Presidente da Câmara Municipal de São Domingos – Curso de Economia

A Universidade Jean Piaget é uma instituição que contribuiu sobretudo para a minha formação académica. Em primeiro lugar, possibilitou-me fazer um curso que eu gosto, já que, se não existisse na altura, eu seria obrigado a sair para fora do país para me formar, e, na altura, não tinha condições para tal.

Mesmo com todas as dificuldades operacionais, a universidade trouxe profissionais e criou as condições para transmitir os conhecimentos básicos para qualquer aluno que faz economia, de modo a ter o domínio e as ferramentas que lhe vai possibilitar exercer a profissão no futuro.

A nível profissional eu consegui aplicar muito daquilo que aprendi na universidade e, hoje, posso dizer que foi muito bom ter passado pela Jean Piaget. O que sou hoje é graças ao esforço e trabalho da instituição.



Belomy Xavier – Director da Prisma Vídeos – Curso de Ciências da Comunicação

A Universidade Jean Piaget foi uma chave fundamental para o profissional que sou hoje. Foi a universidade que me deu a melhor preparação possível que poderia encontrar em Cabo Verde e me formar enquanto o publicitário que sou hoje.

O curso que eu fiz – Ciências da Comunicação – tinha professores super capacitados para nos instruir, tínhamos dois laboratórios à nossa disposição - de rádio e de imprensa e fotografia - que nos ajudavam com os nossos trabalhos e foram fundamentais para a nossa formação.

Para mim, é um grande orgulho ver hoje ex-alunos do Piaget a trabalhar em posições importantes, tanto a nível de ciências de comunicação - com colegas a trabalhar em diferentes jornais, televisão pública e até outros cargos como assessores de imprensa de ministros e até do primeiro-ministro - mas também alunos de outros cursos, que são hoje gerentes de banco, por exemplo.

Isso, para mim, é motivo de grande orgulho, porque sabemos o quanto a universidade nos preparou bem para o mercado de trabalho.



Benvindo Chantre Neves – Jornalista RTC – curso Ciências da Comunicação

O contributo foi grande. Só não digo que foi total porque quando saímos da universidade encontramos uma nova escola, que é o terreno. Entrei na universidade em 2002 e fiz parte da geração que inaugurou o curso de Ciências de Comunicação, na altura, o segundo ano lectivo da universidade.

Começámos sem que estivessem reunidas todas as condições materiais mínimas, mas com muita vontade, não só da parte dos alunos, mas também dos docentes. Tivemos a sorte de ter docentes marcantes, como foi o caso, por exemplo, de um moçambicano e também de um polaco, que por sinal agora é o reitor, e vários outros.

Isso demonstra que quando a vontade é muita, outras dificuldades são ultrapassadas. Passados quase 14 anos, as pistas que recebi na universidade continuam a ser úteis e serão levadas para a vida.

Hoje, enquanto profissional, procuro não me vergar perante as dificuldades, mas sim encontrar maneiras de contorná-las, e isto é um dos ensinamentos que trago da experiência na Uni-Piaget.

Na altura éramos uma turma de mais de 40 alunos, embora nem metade tenha concluído o curso. Os que foram até ao fim, estão hoje todos empregados, e bem empregados. Temos colegas em cargos diretivos de órgãos, inclusive eu já passei por essa experiência, nomeadamente integrando a direcção da Rádio de Cabo Verde, de 2013 a 2016, e temos outros colegas que têm se destacado na nossa profissão, e devemos muito disso à universidade.

Ana Paula Lima

“A UniPiaget Mindelo tem muito prestígio e aceitação na sociedade mindelense”

Ana Paula Lima, representante adjunta da Reitoria da Uni-Piaget em São Vicente, destaca que a instalação do polo universitário do Mindelo, há quase 16 anos, teve e continua a ter, uma palavra de afirmação para o crescimento do ensino superior na ilha. Desafios persistem, naturalmente, especialmente agora no contexto de pandemia da Covid-19.

Carlos Alves

Ana Paula Lima, representante adjunta da Reitoria da Uni-Piaget em São Vicente, defende que o conhecimento especializado adquirido durante o ensino superior é um diferencial tanto para o crescimento profissional, como pessoal do formando.

Neste sentido, realça que a Uni-Piaget, sendo a primeira universidade instalada em Cabo Verde e das primeiras em São Vicente, a sua “importância e responsabilidades” são enormes.

“Hoje, a UniPiaget Mindelo, tem muito prestígio e aceitação na sociedade mindelense, já formou muitos jovens e a grande parte encontra-se inserida no mercado de trabalho, o que demonstra um trabalho sério e abnegado”, argumenta, acrescentando que a instituição “contribuiu e continua a contribuir” para que os jovens do norte do país concretizem o sonho de frequentar o ensino superior.

Como afirma, naturalmente, durante o percurso do polo do Mindelo surgiram desafios tanto para os professores, quanto para a própria univer-

sidade. Por um lado, Ana Paula Lima aponta como principais constrangimentos o seu crescimento académico, mas também a investigação incipiente. Esta última, muito por conta da falta de meios financeiros. Ainda assim, diz que a universidade está a “criar estratégias de modo a minimizar” os problemas dos docentes.

Ensino de qualidade

Não obstante os constantes desafios enfrentados por aquela instituição de ensino superior ao longo dos anos, Ana Paula Lima destaca, sobretudo, o nível qualitativo dos estudantes saídos, anualmente, da universidade.

“Os nossos alunos, geralmente, saem com um nível muito satisfatório, e a prova é que muitos se encontram inseridos no mercado de trabalho”, orgulha-se.

Ana Paula Lima garante que o polo de São Vicente tem primado por um ensino de “excelência”, ultrapassando os constrangimentos que “logicamente” surgem, para que, no final, os alunos possam sair com uma bagagem teórica e práti-



Ana Paula Lima, representante adjunta da Reitoria da UniPiaget, polo de São Vicente

ca, que lhes permita entrar no mercado de trabalho cada vez mais competitivo.

Desafios da pandemia

Por outro lado, essa responsável lembra os desafios “enormes” colocados à universidade no contexto da pandemia da Covid-19, sobretudo do ponto

de vista económico.

“A perda de poder financeiro por parte das famílias, em que temos situações de alunos em que os pais perderam os empregos, tem dificultado o pagamento das propinas”, esclarece.

Além disso, houve a necessidade de uma mudança de hábitos, desde a redução da lotação das salas de aula, ao re-

forço do investimento na aquisição de produtos de higienização, proteção e prevenção para toda a comunidade académica.

Segundo Ana Paula Lima, a Uni-Piaget Mindelo procurou ainda complementar o ensino presencial com o reforço do ensino à distância, “principalmente quando entrámos no estado de emergência”, recorda.

REPORTAGEM

Maria Adriana Sousa Carvalho

“A Uni-Piaget demonstrou na prática ser possível haver ensino superior a sério em Cabo Verde”

A Universidade Jean Piaget demonstrou na prática ser possível haver ensino superior a sério em Cabo Verde. A constatação é da antiga docente e pró-reitora da instituição de ensino superior, Maria Adriana Sousa Carvalho, em entrevista ao A NAÇÃO. Conforme relata, leccionar na Uni-Piaget representou um desafio permanente e um teste à capacidade de adaptação a novas solicitações.

Jason Fortes

Maria Adriana Sousa Carvalho foi docente na Universidade Jean Piaget de 2002 a 2008, na área científica de Ciências Humanas, Sociais e Artes, nos cursos de Ciências da Educação e de Arquitetura.

Para além da orientação de aulas e seminários, coordenou o Gabinete de Formação Permanente, trabalhou no Laboratório de Educação Digital e foi Pró-Reitora para o Desenvolvimento Académico e Curricular.

Tendo sido a única instituição universitária de Cabo Verde durante cinco anos, a Universidade Jean Piaget, garante, abriu o caminho ao ensino superior segundo padrões internacionais.

“Diria mesmo que demonstrou na prática – pela adesão dos estudantes, colaboração de prestigiados professores nacionais, por uma certa ousadia na oferta formativa – ser possível haver ensino superior a sério em Cabo Verde”, diz Maria Adriana Sousa Carvalho, atualmente reformada.

Segundo defende, ao integrar-se, mesmo que informalmente, na rede de instituições de ensino médio e superior, que se consolida com a criação em 2006 da universidade pública, a Uni-Piaget contribuiu para o alargamento da oferta local de ensino superior e para a elevação da qualificação da população.

“Mais formação, mais emprego, mais conhecimento,

mais ciência, transferência de saberes e de tecnologias, novas abordagens no debate sobre o desenvolvimento do ensino, da cidade e do país. Julgo que a Uni-Piaget tem concorrido para a dinamização económica, social e cultural das zonas de implantação – Praia e Mindelo, ao gerar emprego, rendimentos, projectos relacionados com a produção e difusão de conhecimentos, práticas sustentáveis e valores universais que poderão ter provocado mudanças socio-culturais”, argumenta.

Desafios

Leccionar na Universidade Jean Piaget, nos seus primeiros anos de existência, representou para esta docente, um desafio permanente e um teste à capacidade de adaptação a novas solicitações, à leccionação de disciplinas novas e à utilização de metodologias diferentes.

“Foi passar da clássica forma de preparar as aulas – em casa, apenas com os meus livros – para a preparação em grupo com colegas e sob a tutela de uma professora mais graduada e qualificada, a Professora Estela Lamas que nos orientava e nos deu a conhecer uma bibliografia actualizada e referências até aí desconhecidas. Leccionar nessa Universidade foi aceitar ser permanentemente avaliada, aceitar as críticas, refazer o que não estava bem”, lembra.

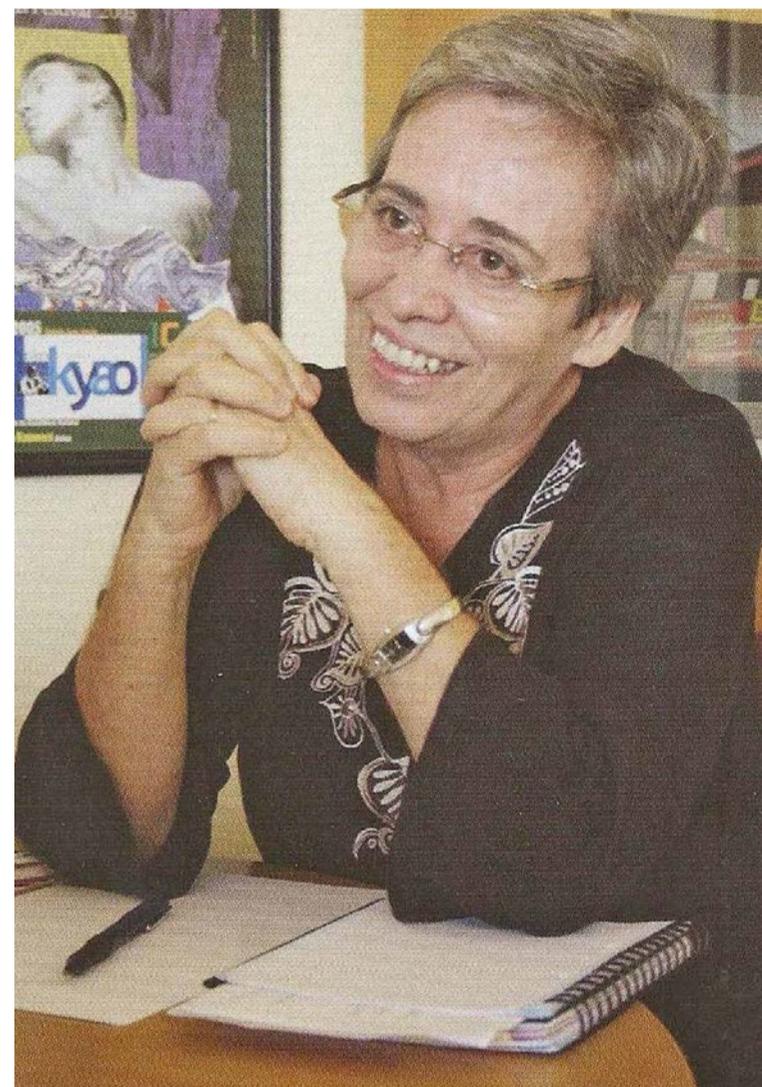
Os desafios imponentes não

se limitavam apenas à actualização da metodologia de trabalho. Maria Adriana Carvalho recorda-se, por exemplo, de ter dado aulas em salas inacabadas, da escassez de materiais de apoio, já que “na biblioteca pouco mais havia do que as edições Piaget”.

“Há 20 anos, o campus ficava muito longe, num sítio isolado, sem transportes públicos, as boleias para ir e regressar eram o recurso habitual. Dar aulas no período pós-laboral, o que tinha mais alunos (estudantes trabalhadores) e os professores mais qualificados e experientes, era uma aventura para quem não tinha viatura própria. Foi nessa altura que compreí o meu primeiro telemóvel”, acrescenta.

Apesar das várias dificuldades, para esta investigadora, ficaram as boas relações com os alunos e os colegas e amigos que ganhou para o futuro.

“A ponte que nos unia, a mim e aos alunos, era a aprendizagem baseada no estudo, nas aulas-debate, no conhecimento mútuo das regras que nos regiam. Os nossos deveres e direitos não eram noções vagas, mas princípios dos regulamentos existentes, que regiam a vida académica e de conhecimento obrigatório. Estabelecidas as regras de jogo, trabalhar com os estudantes foi não só agradável como inovador. Os tabus eram as matérias dogmatizadas e as relações autoritárias”, conclui.



PERFIL

Licenciada em História na Universidade de Coimbra, doutora em Ciências da Educação na Universidade de Lisboa, Maria Adriana Sousa Carvalho dedicou quase toda a sua vida profissional à educação em Cabo Verde. Foi Vice-Reitora e Pró-Reitora da Universidade de Cabo Verde, Pró-Reitora da Universidade Jean Piaget de Cabo Verde, Presidente do Instituto Pedagógico e Diretora da Escola de Formação de Professores do Ensino Secundário. É autora dos livros:

- “O ensino superior em Cabo Verde: génese e desenvolvimento” (2019);
- “O ensino superior em Cabo Verde: O contributo da Fundação Calouste Gulbenkian” (2018);
- “Memórias do liceu da Praia” (2013, com Lourenço Gomes);
- “O liceu em Cabo Verde: um imperativo de cidadania” 1917-1975 (2011);
- “A construção social do discurso educativo em Cabo Verde” 1911-1926 (2007);
- “A memória educativa recuperada no Cabo Verde Boletim” (2006);
- “O objecto e a escrita” (2004, com Ana M. Sousa) e
- “Ensino básico integrado” (1998).